

RUBEM BRAGA

AINDA BRASÍLIA

NÃO acho exagerado aconselhar a quem for fazer casa em Brasília a pensar em aquecimento central. Pegamos lá uns dias bem quentes de fim de verão; mas as noites eram frescas de se puxar cobertor. No inverno a temperatura noturna deve ser de muitos poucos graus.

Nesses 1.000 e tantos metros de altitude o planalto é belo, a vista corre todo o horizonte imenso, a paisagem é cheia de céu. Céu que para um lado está chovendo, para outro ainda nublado e se abre em puro azul com sol louro mais adiante. A vegetação, nessas chapadas abauladas, é rala e sem graça, de árvores de poucos metros, de cascas grossas e gretadas que, me dizem, às vezes se incendiam espontaneamente. Do avião a gente vê que há trechos de campo limpo, enfeitados aqui e ali por uma vereda de buritis, e na beira dos rios, que são apenas ribeirões, há pequenas florestas, menos pujantes que as nossas da Serra do Mar, mas lindas, com palmeiras finas e elegantes, árvores cobertas de parasitas.

O lugar mais bonito de Brasília quem se plantou nele, foi o sr. Israel Pinheiro, que mandou fazer a casa do presidente da Novacap no meio de um estranho bosque de árvores retorcidas entre rochas, perto de uma pequena cachoeira de água sempre limpa — a nascente está a uns dois quilômetros apenas. O palácio Alvorada fica no fundo do futuro lago, numa elevação, com paisagem imensa para todas as bandas, mas jamais terá o encanto desse «rock-garden» natural junto da matinha da cachoeira.

A beleza da futura capital estará toda no lago imenso e curvo onde se despejarão as cores desses crepúsculos tentânicos do planalto, e a prata dos luas. O ar é fino. Mas, até Brasília ser Brasília, quem for lá no inverno morrerá suocado de poeira vermelha, só agora se anuncia o caçamento dessas amplas avenidas rasgadas no cerrado. E para dar uma arborização digna às avenidas e quadras muita terra gorda terá de ser trazida da beira dos ribeirões, e muito adubo será gasto.

O que hoje espanta o visitante é a distância de tudo. De um palácio a outro, de uma obra qualquer à cidade livre, sempre e sempre que a gente se põe na estrada, há vinte, trinta quilômetros a vencer, e os motoristas da praça falam em 600 cruzeiros com toda a facilidade. Pagamos 600 cruzeiros para que um carro nos viesse buscar no alojamento dos Bancários para ir à cidade livre. Dois dias depois, na velha Pirapora, perguntei o preço de primeira classe da gaiola que em 8 dias desce os 1.371 quilômetros do rio São Francisco até Juazeiro: 663 cruzeiros.

Este é um país louco.

1. 4. 58